

O INTERJOGO ENTRE IDENTIFICAÇÕES E IDENTIDADE NA ANÁLISE DE UM JOVEM VIOLENTO: QUESTÕES DE TÉCNICA

ROSINE JOSEF PERELBERG, LONDRES

Em carta a Fliess (minuta N), de maio de 1897, Freud descreveu identificação como um modo de pensar sobre objetos (Masson, 1985). Esse modo de pensar está na origem da constituição do indivíduo, através de uma série de alterações do ego. É um processo inconsciente que ocorre na fantasia. Nas modalidades iniciais da identificação, os processos mentais são experienciados em termos corporais, tais como ingerir ou devorar. É por meio do processo de internalização e da progressiva modificação do ego, através da diferenciação ego, superego e id – cada qual estabelecido a seu tempo – que o indivíduo é constituído. Estas identificações, inconscientes por definição, estão em conflito com o sentimento de “Eu” como centro do sujeito, e essa é uma das muitas revoluções introduzidas pela psicanálise em termos de sua forma de pensar o indivíduo. O indivíduo não é o “Eu”, ou na formulação do poeta Rimbaud: “Eu e Outro” (Lacan, 1978, p. 17). O indivíduo, segundo o pensamento psicanalítico, é, então, em um processo de trocas com o outro.

Em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914) e em “Luto e melancolia” (1917), Freud introduziu esta grande mudança em sua obra: de uma teoria que levava em conta predominantemente as vicissitudes das pulsões, para uma teoria relacionada com o mundo interno e as identificações. Ele já tinha discutido o papel da incorporação, por meio da qual o indivíduo se identificaria de modo oral com o objeto perdido; a constituição do mundo interno era feita por meio de identificações. Essa linha de pensamento pode ser observada em sua discussão de Leonardo

(1910), do caso Schreber (1911) e do Homem dos lobos. Neste último (1918, ver também Wollheim, 1984), Freud discute as mudanças de identificação na cena primária que influenciam a constituição do caráter do indivíduo. Em sua discussão do “Homem dos ratos”, Freud (1909) compreende que a origem dos sentimentos persecutórios de seu paciente está na negação da diferença entre os sexos e na indiferenciação entre amor e ódio.

Neste trabalho, eu gostaria de desenvolver a distinção que propus em outra ocasião entre “identificação” e “identidade”. Identificação, como um modo de pensar, pressupõe uma fluidez entre diferentes posições e idéias e está presente em todos os indivíduos. O pensamento fundamental de Freud sobre sexualidade, que permeia toda sua obra, diz respeito à fluidez entre masculinidade e feminilidade.

A psicanálise não pode esclarecer a natureza intrínseca daquilo que, no sentido convencional ou biológico, é chamado de “masculino” e “feminino”; simplesmente adota os dois conceitos e neles baseia seus trabalhos. Na tentativa de uma redução posterior, o masculino se volatiliza em atividade e o feminino em passividade e isso não nos diz muita coisa. (Freud, 1920, p. 171)

É somente sob certas condições que podemos nos tornar mais conscientes das mudanças identificatórias como, por exemplo em sonhos, quando sonhamos estar em várias posições diferentes, ou possuir características usualmente atribuídas a outros.

Sugiro que “identidade”, por outro lado, é uma tentativa que cada indivíduo faz para organizar estas (por definição) identificações conflitantes a fim de conseguir uma ilusão de unidade. É somente essa ilusão que permite a um indivíduo fazer colocações como “eu sou isto” (e não aquilo). Características associadas à noção de “identidade” incluem “constância”, “unidade” e “reconhecimento do que é o mesmo” (Green, 1977, p. 82).

A distinção que faço entre identificação e identidade é semelhante à que faço entre indivíduo e pessoa (Perelberg, 1981). O *indivíduo*, tal como formulado por Freud é descentrado, constituído na estrutura do ego, id e superego (Freud, 1923, 1926). A ênfase, portanto, não é nos processos conscientes mas nos inconscientes, que são fluidos e móveis por definição. A pessoa é definida em termos das idéias que tem sobre si própria, que inclui imagens sobre seu corpo, características próprias e do grupo ou grupos a que pertence (eu sou um Smith, ou eu sou britânico). É a personalidade, a máscara, que é apresentada em termos de “eu sou isto” (e não aquilo). (Mauss, 1938; Middleton, 1960; Parry, 1980).

Neste trabalho, discuto estas distinções entre “identificação” e “identidade”, “indivíduo” e “pessoa”, e sugiro algumas de suas implicações na compreensão do material derivado de minha prática clínica, da seguinte forma:

Primeiramente, vim a compreender que em certos indivíduos a fluidez dos processos identificatórios torna-se uma sobrecarga para a mente, em virtude da falta de distinção entre fantasia e realidade. Tal flutuação é bastante comum nos pacientes *borderline*. Penso que alguns pacientes violentos tentam imobilizar um aspecto específico do conjunto de atributos identificatórios a fim de estabelecer uma persona, uma identidade.

Em segundo lugar, sugiro que o comportamento violento pode ser uma tentativa de impedir a extrema fluidez entre os processos identificatórios masculino e feminino e evitar o reconhecimento de um profundo sentimento de enredamento (*entrapment*) dentro de uma figura

feminina. O ato físico de violência pode ser uma tentativa de criar um espaço mental em relação aos confusos objetos internos primários, mas especialmente em relação à mãe.

Em terceiro lugar, estas idéias devem ser compreendidas em termos das estruturas narcísicas do paciente violento, que tenta escapar à experiência de relacionar-se. Green define o narcisismo como a principal resistência à análise. “A defesa do Um não implica, *ipso facto*, a recusa do Inconsciente, já que este implica a existência de uma parte do psiquismo que age por conta própria, colocando em xeque o império do ego?”¹ Isto nos permite sugerir que enquanto a maioria dos indivíduos neuróticos pode dar como certa sua “identidade”, para as personalidades *borderline* e narcísicas isto se torna uma questão capital.

Em quarto lugar, entendo que no paciente violento parece haver uma passagem da “fantasia inconsciente” para um “sistema delirante”, em resposta a uma necessidade de se separar dos objetos internos por meio da violência externa. Se aceitamos a formulação de Freud, de que as fantasias de violência da cena primária são universais, em alguns pacientes violentos essas fantasias parecem adquirir o status de verdadeiras crenças.

Em quinto lugar, se a violência, para alguns pacientes, pode ser uma tentativa de imobilizar a experiência de extrema mobilidade dos processos identificatórios internos, sugiro então que um desafio técnico na análise destes pacientes é identificar e manter em mente as mudanças nos processos identificatórios e formulá-las aos pacientes em termos de interpretação.

Por último, tentarei mostrar que à medida que a analista vai se tornando progressivamente mais capaz de identificar o movimento interno do paciente, passando por diferentes estados e processos identificatórios, e é capaz de integrá-los em suas interpretações, o próprio paciente se torna mais apto para tolerar a fluidez interna desses processos identificatórios.

Examinarei agora o material clínico da análise (com cinco sessões semanais) de um jovem violento que tem originado alguns dos pensamentos expostos.

1. Em francês na nota: “La défense de l’Un n’entraîne-t-elle pas *ipso facto* le refus de l’inconscient, puisque celui-ci implique l’existence d’une part du psychisme qui agit pour son propre compte, mettant en échec l’empire du Moi?” (1983, p. 9). (N. da T.)

MATERIAL CLÍNICO

A principal informação trazida por Karl, sobre si mesmo, na primeira consulta foi seu relacionamento especial com a mãe. Karl tem vinte e poucos anos; seu pai abandonou a mãe quando ela estava grávida dele. Ela se casou novamente quando ele ainda era bebê, e esse homem adotou Karl como filho. Três anos mais tarde o casal teve uma filha e, dois anos depois, outra. Karl sente, no entanto, que sua mãe sempre lhe demonstrou que, para ela, a pessoa mais importante da família era ele. Ao mesmo tempo, vê a mãe como incapaz de tolerar sua sexualidade, ou até mesmo o fato dele ser homem. Recentemente, contou que sua mãe costumava lhe dizer que desejava que ele fosse homossexual, porque os homossexuais nunca deixam suas mães.

Durante toda sua infância o pai fora violento com ele, batendo-lhe freqüentemente na cabeça. Recorda-se de que tinha medo do pai. Aos 18 anos decidiu aprender artes marciais; sente então que o pai passou a ter medo dele e parou de maltratá-lo.

*O processo analítico:
os padrões da transferência*

Em sua primeira consulta, Karl introduziu uma questão que sentia ter se tornado uma obsessão para ele, e que expressava sua preocupação com a natureza da sexualidade de seus pais. Disse-me que eles estiveram envolvidos em “jogos sadomasoquistas”. Sabia disto desde a infância porque ele e a irmã os tinham escutado através da porta do quarto deles. Nessa mesma consulta começou a me contar sobre a amplitude da violência com que estava envolvido. Na universidade, tinha se metido em sérias situações de violência com outros jovens (um exemplo foi uma briga em que ele e outros jovens tinham usado garrafas quebradas e que o deixara hospitalizado com quinze suturas na cabeça); falou também da crescente violência em seu relacionamento sexual com a namorada. Nessa primeira consulta, notei a possível associação inconsciente entre a questão da natureza da sexualidade dos pais e seus próprios relacionamentos com amigos e amigas.

Observando a relação de Karl comigo na análise, fui progressivamente compreendendo que

cada vez que era entendido pela analista, ele tentava escapar da experiência de ter uma mente. Desaparecia, então, faltando às sessões por um tempo. No início da análise isso era expresso basicamente pelo estado de sono em que entrava, do qual não podia ser acordado nem pelo despertador, nem pelos gritos da mãe. Podia desaparecer por uma semana, por exemplo, sem se dar conta do lapso de tempo que se havia passado desde a última sessão. As interpretações, durante este período, apontavam consistentemente para essa total retirada, tanto em relação ao encontro com a analista como aos obstáculos que Karl inevitavelmente vivenciava em sua relação comigo. Seu sono era desprovido de sonhos, e isto também era interpretado como uma fuga não somente de mim, mas também da experiência de ter uma mente. Passava grande parte de seu tempo no computador, jogando compulsivamente jogos em que a violência era expressa roboticamente contra inimigos desumanizados.

Gradualmente, Karl foi revelando quão difícil era para ele manter contato com pessoas reais vivas, uma vez que isto envolvia níveis de frustração, violência e terror que simplesmente não podia tolerar. À medida que sua confiança na relação analítica ia aumentando, seus pensamentos e interações agressivas, fora das sessões, se tornaram mais vividamente presentes nos relatos durante as sessões. Por vezes me inundava com narrações de comportamentos extremamente violentos que me repugnavam, amedrontavam e me deixavam sem esperanças de poder fazer qualquer trabalho com ele. Tornou-se cada vez mais claro que minha principal função parecia ser simplesmente a de receber esta maciça projeção de suas ansiedades e contê-las, antes mesmo de podermos começar a compreender seu significado inconsciente. Obviamente, a existência do grupo de pesquisa era crucial, a esta altura, como ponto de referência em minha mente – e na dele –, pois eu freqüentemente ficava desesperada quando sozinha com ele em meu consultório. Muitas vezes me perguntava se ele tinha alguma idéia do impacto que causava em mim.

Neste estágio, senti-me capaz de dizer apenas que essa violência parecia provir de seu medo de minha intrusividade na transferência. Respondeu-me que possuía uma arma e balas,

que deixava em casa. Ao falar sobre isto, pareceu-me que ele estava mantendo uma parte de ambos, dele e minha, como reféns aterrorizados por sua potencial destrutividade. Nesse momento considerei seriamente a possibilidade de interromper a análise.

Minhas interpretações inevitavelmente tinham suas raízes em minha contratransferência: ele precisava saber que podia me aterrorizar, como uma maneira de se proteger de seu próprio medo de mim.² Minhas interpretações lhe permitiram livrar-se da arma, mas isto o deixara sem o poder de aterrorizar-me; sentia-se, então, perdido, abandonado e profundamente deprimido. Para neutralizar a depressão ou reagir contra ela, intensificava os relatos de suas atividades criminosas. Depois de um período de análise em que interpretei consistentemente a função dessas atividades criminosas como uma maneira de criar distância de mim e da análise, ele foi capaz de compreender e admitir que era mais fácil vir às sessões após perigosos encontros criminosos, como por exemplo obter e vender diamantes roubados, pois eles lhe propiciavam a sensação de onipotência. Sugerir também que isso ocorria porque desse modo se sentia com menos medo de meu poder sobre ele. Suas atividades criminosas serviam, então, para distanciar-lo de mim, e embora tivessem muitas determinantes, um aspecto transferencial era indubitavelmente o desejo de evitar um relacionamento emocional significativo.

Como se percebeu mais interessado em relacionar-se com uma mulher, Karl se apavorou pelo medo do veneno, da astúcia e da perversidade das mulheres. Sua reação foi de fuga da mulher/analista/namorada, que o fazia sentir-se envergonhado, humilhado e confuso. Entregou-se a atividades criminosas com seus amigos homens, mas foi então tomado por um estado de extrema ansiedade sobre seus sentimentos homossexuais. Tentou lidar com eles usando a violência, o que o deixou novamente amedrontado e perseguido. Esta configuração de ansiedades edípicas primitivas e as oscilações, das quais

não havia saída, estiveram presentes em muitas sessões.

*A alternância entre presença e ausência,
vida e morte, amor e ódio*

No começo da análise, Karl tinha muitos sonhos que retratavam a vivência de si mesmo como não-humano, robô, desprovido de sentimentos e pensamentos. Sonhava que era um computador ou diferentes espécies de monstros; em um dos sonhos era um monstro que estava se desintegrando. No material clínico que se segue pode-se identificar uma trajetória em que Karl traz para análise imagens que expressavam seu terror de perder-se e ficar aprisionado sendo, então, manipulado por um casal mortífero. Indicarei seus progressos na direção de alcançar a capacidade de perceber-se de maneira mais humana.

No início do terceiro ano de análise falava da imagem de uma cabeça sem corpo que não lhe pertencia. Tirou essa imagem de uma peça de Dennis Potter exibida na televisão, que muito o impressionara.

Numa determinada sessão, Karl entrou e atirou-se no divã. Começou falando que assistira *Cold Lazarus*, de Dennis Potter, na televisão. Disse não estar certo sobre o que lhe chamara mais atenção. Não conseguira dormir durante a noite pensando nisso. Tinha alguma coisa a ver com a linguagem. Ele tinha assistido ao filme duas vezes, no domingo e na segunda-feira, e explicou que fora transmitido por dois canais. Contou-me a história, dizendo tratar-se de ficção científica e que alguma coisa imediatamente o atraía. Na história, um homem teve seu cérebro preservado criogenicamente na esperança de poder ser resuscitado muitos anos mais tarde, em torno de quatrocentos anos depois. No filme, a memória do homem estava sendo recuperada por dois cientistas. Karl disse que tinha sido algo na qualidade da linguagem que prendera sua atenção. Era

2. Ser capaz de detectar meu medo tinha a função de reassegurar a Karl de que o medo não estava unicamente nele, permitindo assim sentir-se mais seguro. Sandler (1959) sugeriu que para preservar seus sentimentos de segurança, o ego fará uso de quaisquer técnicas de que disponha. Dá exemplos dos meios pelos quais os mecanismos de defesa podem operar a serviço deste "princípio de segurança".

como uma linguagem sem ligação com qualquer outra coisa, vinda diretamente da cabeça. Fazia-o lembrar-se de si mesmo quando seu estado mental não era bom. A questão sobre esse homem é que ele é apenas uma cabeça, de maneira que de certo modo suas memórias não lhe pertencem. *Ele não tem uma identidade*. É apenas o que esse casal de cientistas faz com ele (Karl então esclarece que os cientistas eram um homem e uma mulher). Digo-lhe que estava descrevendo uma condição que podia identificar em si próprio quando evitava ter quaisquer sentimentos e falava direto de sua cabeça. Disse, então, que quando está nesse estado de mente – sem sentimentos – *sente que não tem uma identidade*. Sua identidade é assumida por outra parte dele – o “cientista” – que sente estar no controle.

Disse que havia uma ligação entre esse filme e *Karaoke*, outro filme de Potter, em que um personagem, que é autor de teatro, sente que as pessoas ao seu redor estão repetindo trechos de suas peças que, então, retornam para ele como algo de sua própria vida. Falei a Karl sobre sua experiência de relacionar-se com outra pessoa: também ele sente que pode apenas reencontrar suas próprias falas.

Adiante, nessa sessão, mostrei-lhe que havia também a questão da posse: é ele uma posse minha ou sou eu posse dele?; não há ninguém que possa ter uma vida exclusivamente sua, uma “autêntica identidade” (expressão dele). Sua solução é a violência.

Karl falou-me de um sonho: *havia três homens, um fraco, um guarda-costas e um violento que era capaz de dominar o guarda-costas*. Em suas associações falou de “grandes homens”, tais como Rabin ou Kennedy, que apesar de “grandes” estiveram em posição de extrema fragilidade. Entendemos este sonho como expressão

de várias experiências que tivera de si próprio. No fundo do guarda-costas havia um homem frágil, que tinha medo de ser atingido por seu próprio aspecto violento.

Uma experiência mais tridimensional de si próprio foi começando a emergir em sua análise assim que identificamos que era o guarda-costas – o homem “do meio” – quem tendia a vir às sessões. Todavia, Karl tinha receio de se perceber como um homem fraco e desprotegido, fadado a ser assassinado. Na transferência, eu tinha nesses momentos uma aguda consciência de precisar manter presentes em minha mente os três aspectos dele.³ Entretanto, havia também nesse material uma ênfase na inevitabilidade da morte, que eu não pude deixar de apontar naquela ocasião. Em consequência, Karl desapareceu por algumas sessões e quando voltou trouxe outro sonho: *estava dentro de um túmulo e uma pantera se aproximava dele. Estava apavorado com a pantera chegando cada vez mais próximo e então acordou aterrorizado*. Em suas associações, Karl se lembrou de ter visto pela primeira vez uma pantera durante uma viagem às Índias Ocidentais, quando sua mãe o levava a visitar um amigo que tinha uma pantera como animal de estimação. Na sessão, pudemos compreender que o túmulo representava o lugar em que se sentiria durante a semana em que não comparecera às sessões, e que agora estava com medo de mim, a pantera, perigosa para ele como representante do mundo externo. Além disso, estava também com medo que, assim como o amigo de sua mãe e ela própria, eu também quisesse mantê-lo como meu animal de estimação.

Isto o fez lembrar-se de um filme: *The Vanishing*; disse ter sido o filme mais aterrorizante que vira em toda sua vida. No filme, um homem chamado Hoffman tinha perdido a

3. Um ingrediente importante na análise de Karl foram os relatos de filmes a que ele assistia. Por vezes, como na sequência acima, o relato de um filme, seguido por uma interpretação, era sucedido por um sonho. Money-Kyrle sugeriu uma teoria de etapas de representação mental que vai da representação concreta (em que não há distinção entre a representação e o objeto representado), passando por uma etapa de representação ideográfica, como nos sonhos, até uma etapa de pensamento consciente predominantemente verbal (1968, p. 422). Penso que os filmes, nos relatos de Karl, serviam para conter projeções de experiências, antes que alcançassem um estágio em que pudessem ser representadas em sonhos. As interpretações funcionam como mediadoras neste processo. Esta observação está em concordância com a de Sedlak (1997) sobre a função do analista na transformação dos dilemas do paciente em algo que possa ser pensado e sonhado, embora Sedlak, em seu trabalho, esteja se referindo ao papel da contratransferência no processo.

namorada. Ela tinha desaparecido em um posto de gasolina e ele passara três anos à sua procura. Durante esse tempo, recebia cartas de um homem que se dizia o autor do desaparecimento dela. Este homem o torturou desta maneira por três anos; quando finalmente se encontraram, ele disse a Hoffman que se quisesse poderia levá-lo à polícia, mas que não havia qualquer vestígio do que ele tinha feito. A única maneira dele descobrir o que acontecera com a namorada era passar pelo mesmo que ela passara. Hoffman pensou muito seriamente a respeito e acabou decidindo que tinha que descobrir o que acontecera. Tomou o tranqüilizante que o homem lhe deu, e nesse momento estava selando seu destino. Adormeceu. Acordou dentro de um ataúde sepultado sob a terra. Foi a experiência mais terrível que alguém poderia imaginar – ser enterrado vivo.

Karl, então, comentou que a cena que ele jamais poderia esquecer ocorrera dentro do carro, quando Hoffman fora muito amável com o raptor psicopata e fascista. Hoffman ria com ele e dizia que durante toda sua vida tinha feito o que se esperava dele. Não podia esquecer esta cena. Disse que é sabido que algumas pessoas seqüestradas por vezes se tornam amigas dos seqüestradores, por exemplo, pessoas que são raptadas por árabes e voltam loucas para o Ocidente, levando o Corão e defendendo seus raptadores como boas pessoas. Karl falou-me de uma versão hollywoodiana para a mesma história, feita pelo mesmo diretor, com Jeff Bridges no papel principal, que foi um desastre. Eles alteraram o final para que Hoffman fosse salvo (risos) por “John Wayne”. Mais tarde, Karl acrescentou que de fato fora a namorada de Hoffman quem o tinha salvo justamente na hora em que estava sendo enterrado.

Eu lhe disse: penso que foi terrível para você ver nesse filme o modo como você se enterra vivo em sua cama/caixão. Fica aterrorizado ao ver-se ora como Hoffman, que toma o tranqüilizante, ora como o psicopata/assassino que se diverte com isso e com ter matado a namorada três anos atrás (a análise). Entretanto, penso também que é terrível para você acordar e se encontrar no caixão. (Penso também que estava aterrorizado porque confiar em mim era como tomar o sedativo que o levaria a sentir-se enter-

rado em meu divã e assim convertido ao Corão, minha versão louca das coisas).

Karl estava muito chocado com tudo isto. Disse que podia compreender o que eu dizia, mas realmente não estava com receio de mim, agora. Acrescentei alguma coisa sobre suas apreensões a respeito do final. Ele pensava que a versão do filme, com um final feliz, tinha sido um desastre, comparando com a versão terrível, horripilante. Havia ainda mencionado o fato de que fora a namorada do rapaz quem o salvara, não John Wayne. Senti que isto mostrava a confusão de sentimentos em relação à idéia de ser salvo por uma namorada/analista mulher.

Pensei que esta sessão era importante. Ele tinha encontrado uma narrativa e uma imagem que representavam sua própria experiência desses dois estados: estar morto e o terrível despertar: o desejo de ser “salvo”; mas também o terror de ser salvo por uma outra mulher/mãe/analista estéril e traiçoeira, ou seja, o medo de uma dupla composta pelo assassino e o esquife, uma dupla estéril que, no final das contas, vivia dentro dele. O que senti de mais importante nesta sessão foi o modo pelo qual tínhamos podido identificar estas diferentes posições dentro dele: a dupla assassina e a vítima sendo assassinada.

Karl faltou à sessão seguinte e à da sexta-feira. Disse que não tinha conseguido acordar na quinta-feira. Não podia compreender o porquê. Falou sobre seu relacionamento com a namorada, o primeiro relacionamento verdadeiro em sua vida, que sentia tê-lo mudado. Falou-me, então, de um filme intitulado *A Matter of Life and Death*, como um dos filmes mais bonitos que já vira. David Niven fazia o papel de um piloto da Força Aérea durante a guerra, cujo avião tinha sido atacado. Caía vertiginosamente e a Morte vinha buscá-lo. Porém, o tempo estava muito enevoado e a Morte não conseguia encontrá-lo. Nesse interim, uma mulher ouve David Niven no rádio no momento em que seu avião foi atingido, e se apaixona por ele. Ela vai procurá-lo no hospital e ambos se apaixonam. Então, a Morte o descobre e o resto do filme é sobre o julgamento em que David Niven se defende. Ele diz que nesses dois dias apaixonou-se, que não foi culpa sua eles o terem perdido e agora precisava que sua vida fosse prolongada. O juiz tinha o poder

de decisão de prolongar ou não sua vida. Afinal, o juiz decide deixá-lo viver. Foi realmente um filme muito impressionante, acrescentou Karl. O título foi muito apropriado, verdadeiramente uma “questão de vida e morte”.

Eu disse que ele sentia que sua análise e sua analista tinham mudado o curso de sua vida, mas que isto ao mesmo tempo o colocava nas mãos de um juiz que tinha que decidir se ele continuava vivendo (ou tendo sua análise). Ele tem dúvidas se o juiz será favorável ou não. Karl diz que não está acostumado a encontrar pessoas bondosas em sua vida. Assinalei o contraste entre *A Matter of Life and Death* e *The Vanishing*, o primeiro expressando capacidade para amar, e o último as forças destrutivas/fascistas existentes dentro dele. Disse-lhe que eu pensava ser difícil encontrar conexões entre esses dois filmes, entre essas duas experiências dentro dele. Karl ficou quieto por um momento (coisa rara).

Mais adiante na sessão, eu disse: “Penso que hoje você quer me comunicar que há também uma parte sua que é amorosa e dedicada”. Ele disse que esta sessão tinha sido realmente maravilhosa!

DISCUSSÃO

Fantasia e crenças

Britton propôs uma distinção entre fantasia, crença e conhecimento. Ele sugere que

... *crença* é uma atividade do ego que confere o *status* de realidade psíquica às produções mentais existentes (fantasias) criando deste modo *crenças*. Estas crenças podem ser conscientes ou inconscientes, mas não podem ser abandonadas sem se tornarem conscientes. (1995, p. 19-20)

Penso que estas distinções são úteis para meus pacientes, especialmente Karl, cujas fantasias inconscientes sobre a cena primária têm o status de crenças. No pensamento de Karl há também uma falta de diferenciação entre vida e morte, e o terror de descobrir que ele está estabelecendo uma identidade entre as duas.

Enquanto está dormindo no caixão, Hoffman não tem consciência de sua difícil situação que, penso, inclui a questão dele estar submetido a um homem (Hoffman) ou a uma mu-

lher (ou ao útero de uma mulher = caixão). Somente quando ele acorda é que fica aterrorizado pelo fato de estar encerrado dentro do caixão, o qual pode ser vivenciado como a combinação de um casal parental estéril: o pai psicopata que o assassina enterrando-o, e a mãe trapaceira que não lhe permite nascer ou viver fora do corpo e da mente dela. O caixão era também o divã, o “leito de rocha” de sua análise, aonde tinha medo de acordar e se ver submetido ao casal que cometera assassinato na cena primária. No supremo estado de sono sem sonhos, penso que Karl tentava remover de sua mente todas as representações. A contrapartida é a violência, onde tudo isto ganha representação (como manifestado nos derivativos de suas fantasias inconscientes na análise) e tem de ser expresso por meio da ação.

Sugeri, em outro trabalho, que para Karl o horror da imagem de um casal violento na cena primária é que ela tem o status de uma crença real (Perelberg, 1995a). Exemplos de duas outras sessões indicam a confusão de Karl entre fantasia e crença: em uma sessão Karl falou-me de uma série de programas produzidos por alguém que tinha sido demitido da BBC. Essa pessoa inventava falsos eventos e, então, entrevistava pessoas sobre eles. Karl deu-me o exemplo de como esse homem “inventou” uma droga, descreveu seus efeitos e, assim, entrevistou importantes políticos sobre o assunto. Essas pessoas estavam agora considerando a possibilidade de processá-lo por enganá-las. O programa desse homem era tão bem-feito que ninguém poderia imaginar tratar-se de uma fraude. Disse-lhe que eu pensava que isso nos levava a uma questão muito importante para ele: o limite entre o verdadeiro e o falso. De certo modo, eu pensava que tivéramos, um pouco antes nesta mesma sessão, uma experiência disto, quando Karl tentara estabelecer uma discussão intelectual sobre o que a psicanálise pensa do simbolismo ligado a carros esportivos. Tinha sido uma conversa fiada, se comparada com seus pensamentos e medos a respeito de um carro que havia roubado – esta confusão entre o que é real e o que é falso fazia-o sentir-se confuso entre o que era real e falso em sua própria análise.

Em outra série de sessões, Karl falou-me a respeito de um livro que estava escrevendo. Era a história de um homem que tinha muitos sonhos

e que, ao acordar, começava a encontrar personagens de seus sonhos. Eles começavam a ter vida independente dos sonhos, de tal modo que um deles cometeu um assassinato. Era a tentativa de se tornarem personagens reais, e não apenas uma peça de ficção, para terem sua própria identidade. Na sessão, compreendemos o assassinato como o de seu *self* pensante, a expressão de seu aprisionamento em sua própria mente, de tal modo que não podia compreender alguém – ele próprio – como tendo uma mente própria e independente. Paradoxalmente, o assassinato tornou-se uma tentativa de ganhar uma *identidade*, que significava, para Karl (e seu personagem fictício): “Eu sou isto”. O paradoxo consistia em Karl ser agora capaz de escrever esta história e, ao mesmo tempo, correr o risco de perceber-se como separado da história que de fato era a sua. O verdadeiro drama de Karl é sua luta para tornar-se real, e não apenas um computador, um animal de estimação, uma cabeça sem corpo, um personagem de ficção nas mãos de escritores, de cientistas, de pais ou de sua analista.

Penso que a confusão entre fantasia e crença está presente em certo número de pacientes que cometem violência ou tentativa de suicídio. Está presente, por exemplo, na análise por Campbell de um paciente suicida para quem uma fantasia inconsciente – que no caso em estudo era a identificação que o paciente fazia entre seu corpo e o de sua mãe – torna-se uma convicção delirante, no estado pré-suicida (1995). Sugiro que estes atos constituem uma *forma de pensar*, idéia que pode ser vista em conexão com a sugestão encontrada nos trabalhos de Fonagy (1991) e de Fonagy & Target (1995), sobre a incapacidade de tais pacientes para mentalizar e para experimentar a si próprios como separados dos objetos. Fantasias internas e fatos externos se confundem entre si. Este ponto de vista está em concordância com a sugestão de Sohn de que o ato de violência é, por si só, uma verdadeira equação simbólica (1995), questão também levantada por

Williams (1995, 1998). O “outro” (que no paciente suicida pode ser seu próprio corpo) torna-se o continente das terríveis partes não desejadas da representação do *self* e necessita ser eliminado.

Esta observação coloca os estudos sobre violência no centro das investigações psicanalíticas ligadas à compreensão de fenômenos que se encontram potencialmente nos limites da representação simbólica, não somente em virtude dos mecanismos de repressão, cisão, recusa e negação, mas também porque tem a ver, ao mesmo tempo, com algo profundamente destrutivo na esfera psíquica que esfacela a capacidade da mente de contê-lo. Tal sugestão levanta questões sobre processos existentes no pensar e sobre a capacidade da mente para conhecer a si própria.

O indivíduo e a pessoa

Freud destacou a fluidez como marca distintiva dos processos identificatórios. Essa fluidez contrasta com a busca individual por uma identidade *consistente*, um sentimento de coesão que lhe é negado pela própria natureza do aparelho psíquico. Entretanto, somente o sentimento de segurança gerado pela ligação com objetos de ambos os sexos é que evita que o indivíduo se sinta sobrecarregado pela pressão das fantasias e desejos da esfera pré-genital, porque eles podem então estar ancorados num conjunto de relações de objeto seguras.

Penso que desde muito cedo isto se tornou uma questão problemática para Karl, quando ficou confuso com a experiência de um pai biológico ausente, com a violência do padrasto em relação a ele, e com a experiência de uma mãe sedutora em conluio com sua fantasia de não ter um pai. Karl tentou lidar com a violência do padrasto estudando artes marciais para provocar medo, a fim de não voltar a sofrer abusos. Em sua fantasia, porém, também se defendia do desejo e do terror de fusão com a perigosa mãe pré-edipiana.⁴ Nos vários episódios de violência em

4. Este conflito tem sido identificado e discutido de diferentes formas na literatura psicanalítica. Seguem-se alguns exemplos: Ferenczi (1923) sugeriu que a sexualidade adulta é, em algum nível, um retorno simbólico ao útero e então uma fusão simbólica com a mãe. Erikson (1950) também salientou o medo de perda do ego em situações que demandam o *self*. Loewald sugeriu que o temor de perda do ego pela regressão à “identidade narcísica primária com a mãe” é um dos mais profundos pavores – o pavor de “mergulhar no útero todo-poderoso”. Guntrip (1968) sugere

que se envolvera desde o começo da análise havia um enredo típico: um homem malvado por quem sentia um ódio incontrolável, uma garota inocente e ele próprio, vindo em socorro da garota que, de nenhum modo, podia ter, por um motivo ou outro, mas essencialmente porque o tinha traído. As implicações transferenciais eram demasiado óbvias.

Entretanto, o anseio de Karl pelo padrasto era até mais conflitivo de que seus sentimentos de ódio e hostilidade. Só recentemente conseguiu falar-me de seu anseio pelo amor e pela admiração do padrasto. Karl se lembra de olhar as fotos do padrasto escalando montanhas, quando jovem, e de desejar ser como ele, para que ele, padrasto, também o admirasse. Essa situação é confusa para Karl, uma vez que está mesclada com lembranças das muitas humilhações sofridas. Recentemente, contou-me de uma briga em que o padrasto batera nele e as calças de seu pijama caíram, deixando-o nu na frente do padrasto e da mãe, que testemunhava a cena. Sente-se confuso com a idéia de que seu pai estivesse “gozando a situação”, de que essa violência fosse excitante para ele, e esse pensamento fica borrado, indistinguível da expressão de seu próprio desejo de se submeter ao padrasto. Sente, então, uma mistura de ódio e amor, uma vez que seu perseguidor é também a pessoa a quem ama. Desse modo, Karl se sente como a criança/vítima de pais loucos, o que faz lembrar a observação de Lepastier sobre quão freqüentemente os adolescentes se apresentam como filhos de pais loucos (1991).

Violência, para Karl, é uma tentativa de fazer nascer uma outra pessoa, desconectada do casal parental mortífero e, *ao mesmo tempo*, uma

repetição da relação que ele atribui a esse casal. Violência para ele tem uma função defensiva e é uma tentativa de criar uma pessoa separada de suas identificações conflitantes, mas especialmente de sua identificação feminina.

A idéia de pessoa está vinculada a atributos específicos que compõem uma identidade: em muitas sociedades esta identidade é representada por máscaras, pinturas corporais, ou formas de vestir: eu sou isto, um Bororó, um Kwakiutl, um papagaio, sou um homem, sou “durão”. A psicanálise, porém, nos lembra que essa identidade é, por definição, imaginária. “O ego é uma função imaginária que intervém na vida psíquica como um símbolo. Usamos a noção do ego como o Bororó (tribo indígena brasileira) usa o papagaio (símbolo totêmico). O bororó diz ‘eu sou o papagaio’ e nós dizemos ‘eu sou eu’.”⁵ O conceito de identidade tem uma tradição em psicanálise. Recentemente, descobri que meus pensamentos tendem a estar próximos aos de Kestemberg. Em um trabalho original e criativo (1963), ela sugeriu que identificações e identidade são parte do mesmo movimento, uma dialética entre imagens e desejos (p. 453).⁶ Identidade se refere à busca de um sentimento de coesão interna, ao passo que identificação indica a falta de um sistema coerente de relações internas. Erikson acredita que “identificação, como mecanismo, é de utilidade limitada” (1968, p.158), e que a formação da identidade resulta do repúdio às identificações da infância. Erikson também menciona que a adolescência é um período de dispersão da identidade (que mais tarde substituiu pelo conceito de confusão de identidade), como resultado da falta de um “seguro e confiante sentimento de identidade”. Kernberg (1984) usa o conceito de “difusão

riu que a pessoa esquizóide oscila entre dois medos opostos – de um lado, o temor do isolamento na independência com perda do ego e, do outro, o medo da servidão ou aprisionamento no outro. Glasser (1979) situou o conflito entre o anseio e o terror da fusão com a mãe, como o “*complexo nuclear*” nas perversões. Rey descreveu o dilema claustro-agora-fóbico do paciente *borderline* que se sente preso numa armadilha dentro de seus objetos: tenta escapar, mas então tem medo de perder o objeto de quem depende e se sente agorafóbico (1994). Estes dilemas centrais me parecem estar presentes nos vários pacientes discutidos no livro de Laufer sobre o colapso na adolescência (1989).

5. Em francês no original. “Le moi, fonction imaginaire, n’intervient dans la vie psychique que comme symbole. On se sert du moi comme le Bororo se sert de perroquet. Le Bororo dit ‘je suis un perroquet’, nous disons ‘je suis moi’.” (Lacan, 1978, p. 52). (N. da T.)
6. Agradeço a Eris Valentin e a Paul Denis por me haverem apontado, no último Colóquio Franco-Britânico, em Brighton, as ligações existentes entre minha maneira de pensar e a de Kestemberg. Agradeço também a Paul Denis por me enviar o trabalho de Kestemberg.

de identidade” para designar uma noção de *self* pobremente integrado, assim como a instabilidade na relação com outros significativos.

O próprio Freud usou a palavra “identidade” noventa e duas vezes ao longo de seu trabalho, muitas delas enfatizando a relação entre um indivíduo e uma unidade mais ampla que ele próprio. Uma ilustração típica seria a da relação de identidade entre um indivíduo e seu totem, em que a identidade estabelece um vínculo de “absoluta mesmidade”.⁷ O totem representa os deuses ou o pai (morto). Identidade, nesses contextos, pode ser compreendida como uma relação de similitude com o pai (morto), que é, ao mesmo tempo, inacessível. Enquanto identificação sugere a idéia “eu sou como...”, identidade, diferentemente, visa a expressar “eu sou”. Estou sugerindo que Freud em seu trabalho infere que identidade é uma ilusão. Esta é também minha questão neste trabalho e constitui um ponto central de crítica da Escola Francesa de Psicanálise aos teóricos da Escola Britânica de Relações de Objeto, isto é, a crença de que a identidade pode ser vista como estável e coesa. Esta idéia – a natureza ilusória da identidade – encontra suporte nos recentes trabalhos antropológicos.

QUESTÕES DE TÉCNICA

Em trabalho recente, Bateman aproximou-se da distinção feita por Rosenfeld entre dois tipos de narcisismo (1998), a saber, narcisistas pele-fina e pele-grossa, e sugere que pacientes narcisistas e *borderline* tendem a mover-se entre essas duas posições. Narcisistas pele-fina são frágeis e vulneráveis, ao passo que os pele-grossa são inacessíveis e defensivamente agressivos. Bateman sugere ainda que é o *movimento* entre

essas posições que abre possibilidade para o tratamento analítico.

Penso que esta sugestão é extremamente útil e gostaria de acrescentar que é sumamente importante que o analista esteja atento a esse movimento e o leve em conta em suas interpretações. Penso que Karl, às vezes, vem para as sessões nos momentos em que está se movendo entre essas posições – quando é o guarda-costas, entre o homem fraco e o matador, como expressou em seu sonho. Entretanto, como vim a perceber, o que caracteriza seus movimentos, em termos de fantasias subjacentes, é a alternância entre a tentativa de retirar-se de um mundo de representações (que vivencia como perigoso para ele e para os outros) e a violência. Em outras palavras, um movimento entre o espaço vazio e a violência.

O espaço vazio caracteriza suas ausências às sessões, especialmente quando está preso a um sono sem sonhos, que vim a compreender mais recentemente como uma tentativa de criar um espaço sem obstáculos, um espaço em que se identifica com uma mãe idealizada para escapar ao terror de ser ludibriado. Neste estado, Karl tenta negar acesso a qualquer representação, seja do mundo interno (de fantasias), ou mundo externo (de pensamentos, que requerem processo secundário) numa tentativa de alcançar um estado de encerramento narcísico. No pólo oposto, há uma entrada maciça para o mundo da representação (em violência), que deixa de funcionar como representação e ganha o *status* de crença. A alternância é, então, entre espaço vazio e crenças reais expressas como violência. Estes dois estados podem também refletir uma cisão maciça entre um mundo totalmente bom (vazio) e um mundo totalmente mau que necessita ser destruí-

7. Exemplos de “Totem e tabu” (1912-1913):

“Neste caso a *identidade* de um homem com seu totem teria uma base efetiva na crença da mãe, e todos os outros mandamentos totêmicos (à exceção da exogamia) derivariam daí. Um homem se recusaria a comer esse animal ou essa planta porque corresponderia a comer-se a si próprio” (p. 117).

“Nos tempos mais remotos o animal do sacrifício era sagrado e sua vida inviolável; somente poderia ser morto se todos os membros do clã participassem do ato e compartilhassem sua culpabilidade na presença do deus, quando então a substância sagrada poderia ser consumida por eles assegurando desta maneira sua *identidade* entre eles e com a divindade ... De fato, o venerável totem animal era o próprio deus primitivo cuja morte e consumo, pelos membros do clã, renovavam e asseguravam a eles sua semelhança com a divindade” (p. 138).

“... o totem animal é na realidade um substituto para o pai” (p. 141).

do pela violência. Sugiro que a tarefa analítica deva ser a de capacitar o paciente a estar mais consciente dessa alternância.

Quando Karl retornava, depois de faltar a muitas sessões (algumas vezes por mais de uma semana), sentia-se tão excitado com sua façanha, que era como se uma nova vida tivesse começado para ele. Sobrevivera a tudo o que sentia ter passado. Às vezes, ele era tão racional e razoável em suas explicações, que eu podia me ver “seguindo” seu raciocínio e esquecendo os sentimentos e pensamentos que eu tivera durante sua ausência: de que desta vez a análise tinha realmente terminado. Quando ele voltava, eu também sentia que tínhamos sobrevivido a algo. Pouco a pouco fui compreendendo que tinha de manter em mente o movimento entre esses dois estados: presença e ausência; as sessões, e o vazio das sessões em que estivera ausente. Tinha que manter em mente o que ele queria ignorar, e tentar apreender o movimento das várias identificações ocorridas entre as sessões – e não a identidade transitória – “Eu sou isto” (e não aquilo) – “Eu não posso ver qualquer razão pela qual eu não pudesse continuar vindo às sessões agora”, ele dizia freqüentemente. Ou, “Eu não vejo nenhuma razão porque Sofia e eu não possamos continuar nos relacionando tão bem quanto neste fim de semana”.

Pouco a pouco compreendi que ele ficava aterrorizado pela ligação entre esses dois estados, um terror que o deixava confuso e se sentindo sem qualquer controle. Minhas interpretações começaram a se centrar neste *link* entre presença e ausência, palavra e silêncio, identificação masculina e feminina, perseguidor e perseguido, as páginas escritas e o vazio da ausência às sessões. Isto ocorreu progressivamente, por meio da observação do padrão, e foi tomando forma tanto no sonho sobre a tumba como na sua reação ao filme *The Vanishing*; eram formas de sua representação do mundo dentro do qual tinha se refugiado e do qual o despertar era tão aterrorizante.

Karl foi podendo, cada vez mais, identificar essas oscilações, e tem sido capaz, por exemplo, de relacionar o não conseguir vir às sessões a alguma coisa que sentira tê-lo deixado assustado numa determinada sessão. Penso que está menos amedrontado com suas oscilações de identifica-

ções e mais capaz de falar sobre elas, como no relato de seus sentimentos de vergonha frente à mãe e ao pai. Em outra ocasião, foi capaz de falar-me sobre o pensamento passageiro que tivera durante um fim de semana, quando a namorada lhe dera a impressão de ter traços masculinos, sem se sentir muito perseguido por esses pensamentos.

A psicanálise é sempre caracterizada por um indeterminismo, talvez porque os fenômenos são sobredeterminados, de modo que muitas e diferentes fantasias estão necessariamente ligadas à sintomatologia do paciente. A tarefa psicanalítica consiste conseqüentemente, em “ligar” afetos, imagens e palavras conforme são vivenciadas e expressas na transferência e na contra-transferência, para que o pré-consciente possa assim ser construído.

O indivíduo é, então, colocado em uma cadeia de reciprocidade em relação a seus objetos internos e externos. Sugeri, em outra ocasião, que a preocupação fundamental de Karl em sua análise era regular a distância entre ele e a analista (Perelberg, 1995b). Posso, agora, compreender essa questão como representação de seu conflito em relação a entrar numa cadeia de reciprocidade que, em última instância, é a força da própria pulsão de vida. Foi a incapacidade de Karl para tomar parte neste sistema de trocas que o condenou à própria morte em seu esquife. Em sua análise, pudemos encontrar representações deste encerramento que, por definição, indica sua entrada progressiva na esfera simbólica.

RESUMO

Neste artigo, a autora estabelece a distinção entre “identificação” e “identidade”. Identificação é um processo que ocorre no Inconsciente e é material das fantasias inconscientes. Ao longo de sua obra, Freud postulou a fluidez dos processos identificatórios. Em contraste, “identidade” é o esforço que cada indivíduo faz para organizar essas identificações conflitivas, com o intuito de criar uma ilusão de unidade que permite ao indivíduo afirmar “eu sou este” (e não aquele). A autora sugere que uma característica fundamental presente em certos pacientes violentos é o esforço desses

indivíduos, potencialmente submersos pela extrema fluidez entre “processos identificatórios masculinos e femininos”, para repudiar uma identificação passiva, feminina, a fim de estabelecer uma “pessoa”, uma “identidade”.

Um desafio técnico para o analista, na análise desses pacientes, é identificar as “passagens”

entre os processos de identificação e interpretá-las. A autora mostra que à medida que se torna mais apta, como analista, a identificar os movimentos internos do paciente entre diferentes estados e processos identificatórios e poder interpretá-los, o paciente vai se tornando mais capaz de tolerar a fluidez interna dos processos de identificação.

REFERÊNCIAS

- BATEMAN, A. (1998). Narcissism and its relation to violence and suicide. In *Psychoanalytic Understanding of Violence and Suicide*, ed. R. J. Perelberg. London and New York: Routledge, p. 109-123.
- BRITTON, R. (1995). Psychic reality and unconscious belief. *Int. J. Psychoanal.*, 76: 19-23.
- CAMPBELL, D. (1995). The role of the father in a pre-suicide state. *Int. J. Psychoanal.*, 76: 315-323. In *Psychoanalytic Understanding of Violence and Suicide*, ed. R.J. Perelberg. London and New York: Routledge, p. 75-86.
- ERIKSON, E. (1950). *Childhood and Society*. New York: Norton.
- ____ (1968). *Identity, Youth and Crisis*. London: Faber and Faber.
- FERENCZI, S. (1923). *Thalassa, a Theory of Genitality*. Albany, NY: The Psychoanalytic Quarterly.
- FONAGY, P. (1991). Thinking about thinking: some clinical and theoretical considerations in the analysis of borderline patients. *Int. J. Psychoanal.*, 72: 639-656.
- ____ & TARGET, M. (1995). Understanding the violent patient: the use of the body and the role of the father. *Int. J. Psychoanal.*, 76: 487-501. In *Psychoanalytic Understanding of Violence and Suicide*, ed. R.J. Perelberg. London and New York: Routledge, p. 51-72.
- FREUD, S. (1909). Notes upon a case of obsessional neurosis. *S.E.* 10.
- ____ (1910). Leonardo da Vinci and a memory of his childhood. *S.E.* 11.
- ____ (1911). Psycho-analytic notes on an autobiographical account of a case of paranoia (dementia paranoides). *S.E.* 12.
- ____ (1913). *Totem and Taboo*. *S.E.* 13.
- ____ (1917). Mourning and melancholia. *S.E.* 14.
- ____ (1918). From the history of an infantile neurosis. *S.E.* 17.
- ____ (1920). The psychogenesis of a case of homosexuality in a woman. *S.E.* 18.
- ____ (1923). *The Ego and the Id*. *S.E.* 19.
- ____ (1926). *Inhibitions, Symptoms and Anxiety*. *S.E.* 20.
- GLASSER, M. (1979). Some aspects of the role of aggression in the perversions. In *Sexual Deviation*. 2nd ed., ed. I. Rosen. Oxford: Oxford Univ. Press, p. 278-305.
- GREEN, A. (1977). Atôme de parenté et relations oedipiennes. In *L'Identité*, ed. C. Lévi-Strauss. Paris: Bernard Grasset.
- ____ (1983). *Narcissisme de Vie; Narcissisme de Mort*. Paris: Presses Univ. France.
- GUNTRIP, H. (1968). *Schizoid Phenomena, Object Relations and the Self*. London: Hogarth Press.
- KERNBERG, O.F. (1984). *Severe Personality Disorders*. New Haven and London: Yale Univ. Press.
- LACAN, J. (1978). *Le Séminaire. Livre II. Le Moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- LAUFER, M. & LAUFER, M.E. (1989). *Developmental Breakdown and Psychoanalytic Treatment in Adolescence: Clinical Studies*. New Haven and London: Yale Univ. Press.
- LEPASTIER, S. (1991). La folie paternelle: un moment dans la constitution du sujet. *Rev. Franç. Psychanal.*, 55: 1785-1788.
- MASSON, J.M. (ed.). (1985). *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess 1887-1904*. London and Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard Univ. Press.
- MAUSS, M. (1938). Une catégorie de l'esprit humain: la notion de personne, celle de “moi”. In *Sociologie et Anthropologie*. Paris: Presses Univ. France, 1973.
- MIDDLETON, J. (1960). *Lugbara Religion*. London: Oxford Univ. Press.
- MONEY-KYRLE, R.E. (1968). Cognitive develop-

- ment. *Int. J. Psychoanal.*, 49: 691-697. Also in *The Collected Papers of Roger Money-Kyrle*, ed. D. Meltzer. Perthshire: Clunie Press, 1978.
- PARRY, J.P. (1980). Ghosts, greed and sin: the occupational identity of the Benares funeral priests. *Man*, 15: 88-111.
- PERELBERG, R.J. (1981). Umbanda and psychoanalysis as different ways of interpreting mental illness. *Brit. J. Med. Psychol.*, 53: 323-332.
- ____ (1995a). A core phantasy in violence. *Int. J. Psychoanal.*, 76: 1215-1231. In *Psychoanalytic Understanding of Violence and Suicide*, ed. R. J. Perelberg. London and New York: Routledge, pp. 87-108.
- ____ (1995b). The psychoanalytic understanding and treatment of violence: a review of the literature and some new formulations. *Bulln. Anna Freud Centre*, 18: 89-122.
- ____ (1997). Introduction to Part 1. In *Female Experience: Three Generations of British Women Analysts on Work with Women*, ed. J. Raphael-Leff and R.J. Perelberg. London: Routledge, p. 21-35.
- ____ (1998). (ED). *Psychoanalytic Understanding of Violence and Suicide*. New York and London: Routledge.
- REY, H. (1994). *Universals of Psychoanalysis in the Treatment of Psychotic and Borderline States*. London: Free Associations.
- ROSENFELD, H. (1987). Afterthought: changing theories and changing techniques in psychoanalysis. In *Impasse and Interpretation*. London and New York: Tavistock, p. 265-279.
- SANDLER, J. (1959). The background of safety. In *From Safety to Superego*. London: Karnac, 1987, p. 1-8.
- SEDLAK, V. (1997). The dream space and countertransference. *Int. J. Psychoanal.*, 78: 295-305.
- SOHN, L. (1995). Unprovoked assaults: making sense of apparently random violence. *Int. J. Psychoanal.*, 76: 565-575.
- WILLIAMS, A.H. (1995). Murderousness in relationship to psychotic breakdown (madness). In *Psychosis: Understanding and Treatment*, ed. J. Ellwood. London and Bristol, PA: Jessica Kingsley, p. 83-92.
- ____ (1998). Violence and psychic indigestion. In *Cruelty, Violence and Murder: Understanding the Criminal Mind*, ed. P. Williams. New Jersey and London: Jason Aronson, p. 81-91.
- WOLLHEIM, R. (1984). *The Thread of Life*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.

Tradução: Nilde J. Parada Franch

Revisão Técnica da Tradução: Rosine J. Perelberg

Rosine Jozef Perelberg
35 Hodford Road
London NW 11 8NL
e-mail: RosineJPerelberg@compuserve.com
Int. J. Psycho-Anal. (1999), 80, 31-45

Copyright © Institute of Psycho-Analysis, London, 1999